

Remix Ensemble

Casa da Música

Peter Rundel direção musical
Ashot Sarkissjan violino

19 set 2023 - 19:30 Sala Suggia

VISTA DO ESPAÇO A TERRA ERA AZUL



casa da música



Abra o código QR e assista à entrevista ao maestro Peter Rundel sobre o programa do concerto.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Darius Milhaud

La Création du Monde (1923; c.15min)

- Ouverture
- 1. Le chaos avant la création
- 2. La naissance de la flore et de la faune
- 3. La naissance de l'homme et de la femme
- 4. Le désir
- 5. Le printemps ou l'apaisement

Salvatore Sciarrino

Le stagioni artificiali, para violino e ensemble (2006; c.18min)

2ª PARTE

Liza Lim

Extinction Events and Dawn Chorus, para doze músicos (2017-18; c.40min)*

- 1. Anthropogenic debris
- 2. Retrograde inversion
- 3. Autocorrect
- 4. Transmission
- 5. Dawn Chorus

*Estreia em Portugal.

Solistas no andamento "Transmission": Angel Gimeno (violino) e Mário Teixeira (caixa).

Darius Milhaud

MARSELHA, 1892 | GENEBRA, 1974

La Création du Monde

A Primeira Guerra Mundial foi um terremoto que transformou, profundamente, o planeta. A afirmação dos Estados Unidos da América como potência mundial num complexo xadrez marcou as primeiras décadas do século XX. O cinema, a literatura e a música norte-americanas difundiram-se a uma grande velocidade, através da circulação de pessoas e de novas tecnologias como a rádio, a gravação elétrica e o cinema. Assim, os sons frenéticos das *jazz bands* marcaram o ritmo dos 'loucos anos 20', quando festas, danças e a busca do prazer imediato transformaram um planeta traumatizado. Josephine Baker foi um símbolo da época, conquistando França com números que exacerbavam o exotismo/erotismo na visão do público local; Baker conquistou a Europa e representou uma era. A fuga da discriminação racial dos Estados Unidos da América levou muitos artistas negros a fixar-se em Paris, em especial no bairro artístico de Montmartre. Assim, o Modernismo do Harlem assentou arraiais na capital francesa, com a presença de pessoas como Sidney Bechet ou Langston Hughes. Esse Modernismo impactou, significativamente, a vida intelectual do Império Francês, onde pioneiros negros, como as irmãs Paulette e Jeanne Nardal, lançaram as bases do movimento posteriormente designado por *Négritude*, com repercussões e ressonâncias transnacionais.

África foi um grande teatro de operações da Primeira Guerra Mundial. Espaço de conquista e exploração nas décadas antecedentes, o continente viveu dias complicados. França era uma potência colonial do final da Primeira

Guerra Mundial e as suas possessões africanas ocuparam um lugar particular no imaginário da época. Paralelamente, intensificaram-se as tendências anticolonialistas nas colónias e nas metrópoles. As coleções de arte tradicional africana presentes no Musée d'Ethnographie du Trocadéro influenciaram muitos artistas visuais, como Pablo Picasso. Estes viram nas formas de representação dessa arte uma direção para romper com os modelos vigentes, implodindo ideias mais tradicionais e revigorando a Europa. Em 1926, André Schaeffner e André Cœuroy publicaram *Le jazz*, um livro essencial na história do género, que enfatizava os elementos africanos na nova música dos Estados Unidos. Posteriormente, figuras próximas do Surrealismo, como Michel Leiris, integraram expedições etnológicas, nas quais Schaeffner estudou as músicas de África.

Foi nesta constelação que Darius Milhaud compôs *A Criação do Mundo*. Antigo aluno do Conservatório de Paris, aproximou-se de Blaise Cendrars e de Jean Cocteau, artistas que dinamizaram a arte francesa no final da década de 1910. Milhaud contactou com o jazz em Londres e em Nova Iorque. Das versões orquestrais arranjadas para dançar ao *hot jazz* dos clubes de Harlem, o compositor recebeu lições que aplicou nesta obra. Concebida como um bailado com argumento de Cendrars, evoca mitos africanos da criação e integra elementos do jazz. Estreada no Teatro dos Campos Elísios a 25 de outubro de 1923, pelos Ballets suédois (concorrente dos Ballets russes) e com figurinos do artista plástico Fernand Léger, *A Criação do Mundo* é frequentemente apresentada em versão de concerto. Um pequeno agrupamento, onde pontificam os instrumentos associados ao jazz, em especial os sopros e a bateria (uma inovação que definiu o género na sua fase inicial), leva-nos numa viagem única.

A secção da abertura é dominada pelo saxofone, acompanhado pelo agrupamento, que alterna secções sincopadas com episódios de ritmo mais fluído. Os portamentos nos instrumentos de bocal intensificam a massa sonora, que se torna progressivamente mais dissonante. O regresso da atmosfera inicial dá lugar a um episódio de fanfarras que destaca o brilho dos instrumentos de bocal e da percussão. O saxofone solista regressa, na atmosfera que lançou o bailado. “O caos antes da Criação” segue-se à abertura da cortina. O piano e a percussão lideram o início, ajudados pelas entradas sucessivas do trombone, do contrabaixo, do saxofone e do trompete. A irregularidade nas acentuações, as síncopas¹ e a orquestração recriam o timbre e a escrita para a *jazz band* da época, acentuando a assimetria e o caos sonoro. Em “O nascimento da flora e da fauna”, o ambiente misterioso encarna numa marcha cujas melodias são atribuídas aos instrumentos de sopro. Uma atmosfera estática antecipa solos da flauta e do violoncelo. Um duo entre a trompa e o oboé faz-se através das *blue notes*², intensificando a indefinição em torno de uma nota. “O nascimento do Homem e da Mulher” é marcado pelo ritmo vivo e pela escrita camerística, baseada na sobreposição de *ostinati*³. A secção remete para *A História do Soldado*, de Stravinski, sucedendo-se uma passagem brilhante que evoca o universo americano de

¹[N. E.] Figuras que deslocam a acentuação rítmica através do ataque do som num tempo fraco (ou parte fraca do tempo) e do seu prolongamento até ao tempo forte (ou parte forte).

²[N. E.] Notas típicas do *blues* particularmente expressivas por “chocarem” com notas do acorde que as acompanha.

³[N. E.] Repetição insistente de um elemento musical rítmico e/ou melódico.

Gershwin. Uma transição para a quietude antecede “O desejo”, secção dominada pelas síncopas e pelo cromatismo. Nela, sobressai a bateria do jazz e o solo angular do clarinete, que prepara uma melodia ondulante. O brilho inicial retorna e lança uma passagem para vários solistas. “A Primavera ou o apaziguamento” caracteriza-se pelas *blue notes* do oboé e pelo cromatismo na trompa. O seu melodismo prepara o regresso do saxofone, que dissolve a obra sobre os *tremolos* dos sopros.

JOÃO SILVA, 2023

Salvatore Sciarrino

PALERMO, 1947

Le stagioni artificiali, para violino e ensemble

A herança violinística do Barroco italiano encontra-se muito presente em *Le stagioni artificiali*, obra escrita em 2006 por Salvatore Sciarrino. Sciarrino é um vulto maior da música contemporânea italiana, tendo desenvolvido uma abordagem particular aos elementos musicais a partir de uma educação artística dominada pelo autodidatismo. Nesta obra, atualiza elementos de *As Quatro Estações* de Vivaldi, relacionando-os com as transformações climáticas do século XXI. Os papéis do timbre, da textura e do espaço são fulcrais nas suas obras, afastando-as dos cânones pós-serialistas associados à Europa Central.

Le stagioni artificiali resultou de uma encomenda da Muziekgebouw aan't IJ (Amesterdão), do Festival Ars Musica (Bruxelas) e do Nieuw Ensemble (Amesterdão). Este agrupamento apresentou a obra na sua cidade, a 22 de janeiro de 2007, com Irvine Arditti como solista sob a direção de Ed Spanjaard.

Le stagioni artificiali é uma exploração do som nas suas manifestações mais elementares. O agrupamento selecionado pelo compositor é muito pouco ortodoxo, incluindo flauta alto, bandolim e guitarra. Centrada num eixo constituído por uma nota, a obra baseia-se em campos sonoros contrastantes. O recurso a harmónicos, multifónicos e efeitos, como o sopro nos aerofones e a fricção diagonal nas cordas dos instrumentos, cria envelopes tímbricos em torno dos quais os episódios se desenrolam. Assim, um campo sonoro que muda quase impercetivelmente e no qual as vibrações de sons de frequências próximas (os batimentos) interagem é a tela na qual Sciarrino coloca o solista.

A obra começa com a sobreposição do solista, cujo instrumento geme nos sobreagudos, a um campo sonoro estático. O papel do violino assemelha-se ao canto dos pássaros que Vivaldi incluiu em *As Quatro Estações*, enquanto os efeitos soprados na flauta e a pontuação da percussão remetem para o universo sonoro da música tradicional japonesa. Variações de timbre e exploração das ressonâncias do violino são elementos centrais na escrita para o solista. O estatismo evoca uma atmosfera de imaterialidade inquieta na qual os instrumentos emergem e submergem. Os *portamenti* e os efeitos de ressonância exploram as fronteiras entre o som e o não-som, questionando o ouvinte acerca da natureza da matéria audível. A espacialidade criada por Sciarrino é central no desenrolar de *Le stagioni artificiali*. Entre o pontilhismo camerístico, marcado por interjeições curtas de instrumentos isolados, e uma constante ressonância, a obra desenrola-se de forma muito particular, cuja subtilidade é enfatizada pelo violino solista. Passagens estáticas e cinéticas com dinâmicas de intensidades variáveis misturam-se sobre

um campo aparentemente estático. A alternância e o contraste entre brilho e escuridão marcam uma peça fundamental no percurso heterodoxo do compositor. Um alerta para as alterações climáticas e seu impacto nas espécies do planeta.

JOÃO SILVA, 2021

Liza Lim

PERTH (AUSTRÁLIA), 1966

Extinction Events and Dawn Chorus

As preocupações ambientais encontram-se na ordem do dia. A compositora australiana Liza Lim inspirou-se nelas e no diálogo entre culturas, com particular destaque para a dos aborígenes australianos, para fazer ouvir a sua voz no panorama atual das vanguardas. *Extinction Events and Dawn Chorus* foi escrita entre 2017 e 2018 e resultou de uma encomenda do Wittenertage für Neue Kammermusik, um festival alemão, ao Klangforum Wien, reputado agrupamento das novas músicas. Estreada a 29 de abril de 2018, pelo Klangforum e pela violinista Sophie Schafleitner, sob a direção de Peter Rundel, tem a sua primeira audição em Portugal neste dia.

A quantidade de fragmentos de plástico a flutuar nos oceanos e os perigos que a Grande Barreira de Coral enfrenta deram à compositora o impulso para criar uma obra que nos alerta para os eventos de extinção em massa. Nestes, dá-se uma grande redução da biodiversidade. Assim, o Holoceno caracteriza-se pelo enorme impacto causado pela atividade humana no meio ambiente, um fator distintivo em relação a eventos de extinção em massa anteriores.

O primeiro andamento intitula-se “Anthropogenic debris” e é constituído por resíduos

e fragmentos de música do passado — com particular destaque para *Sobre um Caminho Verdejante*, de Janáček — e de sons da Natureza. Dominado pelos instrumentos de sopro e percussão, flutua em torno de uma nota com variações tímbricas e dinâmicas. Um instrumento central na obra é o *Waldteufel*, um membranofone cujo som se produz através da fricção, como a sarronca e a cuíca. A angularidade dos fragmentos, que Lim sobre põe criando uma massa sonora primordial, é diluída pelos *portamenti*. O violino solista faz a sua entrada com materiais descontínuos e um timbre sujo, aproximado ao som do *Waldteufel*. A flauta apresenta um elemento inspirado no canto do pássaro oó-de-kauai, uma espécie recentemente extinta, devido a furações. O oboé e o clarinete reforçam a atmosfera, desembocando numa longa nota grave em crescendo. A textura adensa-se e oscila dinamicamente até ao fim do andamento. “Retrograde inversion” começa com um solo de trompete e é marcado pelo recurso às surdinas. A atmosfera estática, com lentas transformações, é pontuada pelo pontilhismo das notas isoladas dos instrumentos de bocal. O agrupamento realiza uma breve participação e enfatiza o registo grave, lançando uma passagem virtuosística na qual o violoncelo flutua entre timbres e registos. A entrada do violino, com passagens e *ostinati* que remetem para a tradição virtuosística do Barroco, desintegra o andamento. “Autocorrect” revolve em torno da repetição de um som, ao qual são adicionados elementos heterogéneos. A sobreposição de fragmentos sobre notas sustentadas cria um espectro contínuo entre sons, que reforça o estatismo do andamento, como se a Natureza se tentasse autorregenerar. “Transmission” é uma passagem para violino solo e caixa em que sobressai a teatralidade. O uso dramático

do silêncio, o recurso aos agudos, reforçados pelo timbre da caixa e a textura esparsa, marcam um episódio em que a polifonia implícita do violino se destaca. *Extinction Events and Dawn Chorus* termina com um andamento que recria os sons produzidos pelos peixes da Grande Barreira de Coral na alvorada. O zumbido resultante da sobreposição de emissões sonoras é imitado pelas boleadeiras, instrumentos utilizados pelos aborígenes australianos para comunicar a grande distância. A essa base são adicionados os *kazoos* e as matracas, criando uma textura variável e simultaneamente estática e dinâmica. Os instrumentos de sopro de bocal emitem notas prolongadas no registo gravíssimo, concluindo uma obra que é uma representação criativa da Natureza, bem como um alerta para a Humanidade.

JOÃO SILVA, 2023

Peter Rundel direção musical

Peter Rundel é um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias, graças à profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par da sua criatividade interpretativa.

É regularmente convidado para dirigir a Orquestra da Rádio Bávara e as Sinfónicas das Rádios NDR, WDR, Frankfurt e SWR. Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Helsínquia, Radio France e Luxemburgo, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro de Ópera de Roma, a Sinfónica de Viena e a Filarmónica de Bruxelas. Na Ásia, dirigiu a Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Taipé.

Peter Rundel dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera Estatal da Baviera, no Festwochen de Viena, no Gran Teatre del Liceu, na Ópera da Flandres, no Teatro Argentino La Plata, na Ruhrtriennale e no Festival de Bregenz, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Calixto Bieito, Philippe Arlaud, Peter Mussbach, Heiner Goebbels, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht* e *Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug — die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen* e *La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Mais recentemente, apresentou-se com sucesso na Ópera de Zurique — *Girl with a Pearl Earring* de Stefan Wirth (nomeada estreia do ano

pela revista *Opernwelt*) — e no Teatro Estatal de Hesse/Wiesbaden — *Werther* de Massenet.

Natural de Friedrichshafen (Alemanha), Peter Rundel estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov, e direção com Michael Gielen e Peter Eötvös. Foi violinista do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Tem desenvolvido colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik, o Collegium Novum Zürich, o Ensemble intercontemporain e o AskolSchönberg Ensemble. Foi diretor artístico da Filarmónica Real da Flandres e o primeiro diretor artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 foi nomeado maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música, com o qual conquistou grande sucesso em importantes festivais europeus — nesta temporada, dirige-o na Elbphilharmonie de Hamburgo e na Philharmonie de Colónia, com Matthias Goerne, estreando um novo arranjo de Jörg Widmann para *Viagem de Inverno* de Schubert.

Profundamente comprometido com o desenvolvimento e a promoção de jovens talentos musicais, fundou no Porto a Academia de Verão Remix Ensemble dedicada a jovens músicos e maestros. Como diretor musical do Taschenoperfestival (desde 2019), criou uma outra academia em Salzburgo, com vista à promoção de jovens maestros no campo do teatro musical contemporâneo. É regularmente convidado para ensinar em cursos internacionais de ensembles como a London Sinfonietta, o Ulysses Ensemble na Academia ManiFeste em Paris, a Academia do Festival de Lucerna e no Teatro alla Scala de Milão.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy.

Ashot Sarkissjan violino

Nascido na Arménia, o violinista Ashot Sarkissjan tem marcado presença nos palcos da nova música desde 2002, ano em que se juntou ao Ensemble intercontemporain. Foi nesta formação que teve contacto próximo com compositores como Pierre Boulez, György Kurtág e Brian Ferneyhough. Ao integrar o Arditti Quartet, em 2005, passou a trabalhar com os mais destacados compositores contemporâneos e participou numa discografia que inclui as integrais dos quartetos de cordas de Helmut Lachenmann, Jonathan Harvey, Pascal Dusapin, Harrison Birtwistle e Brian Ferneyhough.

Das suas apresentações a solo, destacam-se os concertos de Kurt Weill (com o Ensemble intercontemporain), György Ligeti (com a Stavanger Sinfoniorkester) e James Dillon (com a Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa) bem como, mais recentemente, *B-Partita* de Philippe Manoury e *Le stagioni artificiali* de Salvatore Sciarrino com o Remix Ensemble.

Entre as obras escritas para o violinista destacam-se *Giacometti's Razor* para violino solo de Steven Daverson (2014), *Socialist Fucking Realism* para violino e coro falado de Philip Venables (2013), *cleft* para violino e violoncelo de Mark Barden (2017), *[super]PIPE(s)* para violino e ensemble de Andrzej Kwieciński (2017) e *The Su Song Star Map* para violino solo de Liza Lim (2018). Seu interesse paralelo em formas musicais menos académicas levou-o à participação nos álbuns *The Marriage of True Minds* (2013) e *The Consuming Flame: Open Exercises in Group Form* (2020), do grupo de música eletrónica Matmos.

Ashot Sarkissjan vive no Porto e integra o Remix Ensemble Casa da Música desde 2022. Toca num violino de 2002, construído por Stephan von Baehr.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou, em estreia absoluta, cerca de 115 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o seu primeiro maestro titular.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas salas mais prestigiadas de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência e Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a tocar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020).

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür e Daniel Moreira, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philo-mela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e

da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um concerto cénico sobre a *Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projeto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders e Justė Janulytė, além de inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2023 inclui as estreias nacionais de duas obras de Enno Poppe, uma das quais coencomendada pela Casa da Música. Contando com Matthias Goerne como solista, o Remix Ensemble faz a estreia mundial de uma encomenda a Jörg Widmann: uma nova versão para ensemble e barítono do ciclo de canções *Dichterliebe* de Robert Schumann. Divide o palco ainda com Ilya Gringolts, interpretando o *Concerto para violino* de Ligeti. Em outubro, regressa à Philharmonie de Paris.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Remix Ensemble Casa da Música

Violino

Angel Gimeno
Ashot Sarkissjan

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner
Célia Campos Silva

Oboé

Filipa Vinhas

Clarinete

Victor J. Pereira
Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Aleš Klančar
Telmo Barbosa

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano

Jonathan Ayerst

Harpa

Carla Bos

Saxofone

Romeu Costa

Guitarra

Júlio Guerreiro

Bandolim

António Vieira

Operação técnica

Iluminação

Bruno Mendes

Palco

Carlos Almeida
José Torres
José Vilela

Som

Carlos Lopes
Sérgio Luís

Assistência de cena

Amaro Castro

Assistência musical

Mariana Guedelha

Próximos concertos

23 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Obras de **Alan Hovhaness, Joseph Haydn**
e **Harrison Birtwistle**

24 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings cravo, órgão e direção musical

Obras de **Jean-Féry Rebel, Georg Friedrich Händel**
e **Georg Philipp Telemann**

30 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

Prémio Novos Talentos AGEAS

Rafael Pacheco guitarra portuguesa

Maura Airez voz

Francisco Berény Domingues guitarra

01 DOMINGO 21:00 SALA 2

Márcia

02 SEGUNDA 21:00 SALA SUGGIA

Asaf Avidan

promotor: House of Fun

03 TERÇA 19:30 SALA 2

Duo Sirius

Obras de **João Caldas, Ronald Stevenson e Johann Sebastian Bach**

04 QUARTA 19:30 SALA SUGGIA

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel direção musical

Matthias Goerne barítono

Obras de **Brice Pauset e Jörg Widmann**

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

